

## DIÁRIO

**Aluno: Raïssa de Góes**  
**Orientador: M.R. Cardoso**

### **Introdução**

O presente trabalho foi escrito a partir de uma construção de um objeto de arte: uma interferência no diário publicado da escritora Katherine Mansfield. A obra consiste em retirar os tipos do livro com uma fita corretora de máquina de escrever, onde o texto permanece legível. Diante dessa experiência de percorrer o diário letra por letra, algumas questões se apresentaram a mim: qual a distancia entre o escritor da obra e o leitor? Como se dão esses trabalhos de escrita e leitura? É possível uma separação entre autor e escritor? São essas as questões que busco desenvolver ao longo do discurso.

### **Objetivo**

Pretendo criar um espaço de discussão para que nós alunos de letras e principalmente aqueles que como eu fizeram a escolha por um curso de formação de escritor possam entender como se colocar neste tenuous equilíbrio entre a escrita e a leitura. E ainda estreitar as fronteiras que separam a produção textual da produção das artes plásticas, por acreditar que haja algo da criação artística comum e pertencente a qualquer obra.

### **Metodologia**

Quando criança gostava de brincar na areia da praia. Caminhava perto do mar tentando pisar nas pegadas deixadas por alguém que passara por ali horas antes. Alguém do passado, seguia seus passos. Ao ler, em algum ponto da graduação de letras um texto de Walter Benjamin, no qual ele comparava o ato da leitura com o caminhar por uma estrada, ele diz que um texto não deve ser sobrevoado, mas seguido passo a passo, não pude deixar de lembrar de minha praia e das pegadas que seguia. A leitura, então, pode ser vista como uma escrita. O leitor se aproximaria, e isso não é nenhuma novidade, do escritor. Aqui não se trata apenas do autor do texto, mas do escritor. Explico essa separação: o autor é aquele que intenciona dizer e se coloca diante do espaço em branco. É nesse momento que o escritor comparece, cabe a ele o labor, o trabalho diário e dificultoso da composição.

Dessa forma leitor se aproxima da figura do escritor. Creio não se tratar de qualquer leitor, mas um leitor menos ingênuo, que não vê a literatura como um meio de conhecimento ou entretenimento. Um leitor que enxerga a literatura como fim, o discurso para esse leitor não é transparente para que se possa acessar o conteúdo do texto, o discurso se torna ele mesmo uma presença. É a união entre conceito e forma. Esse leitor a que me refiro é aquele que busca um espaço de discussão e pensamento da letra, da escrita e leitura. Foi por esse motivo que julguei pertinente trazer essa discussão para a Universidade e especificamente para o departamento de Letras.

Algo próximo a isso é o que faço neste trabalho. Repasso por todas as letras de Katherine Mansfield, porém as retiro do corpo da página, tipo a tipo. Suspendendo a dúvida da escritora (não é certo se ela gostaria de ver suas notas publicadas.) Coloco as letras em um carretel de fita corretora, o conteúdo escrito não se perde, ele permanece em um novo espaço, um espaço horizontal, como um percurso ou uma caminhada. Este ato repetido de retirar as letras do papel literaliza esta questão, a torna concreta. Vemos o objeto se transformando. Por aquele livro alguém passou e objeto guarda os vestígios dessa passagem.

É pertinente também relacionar esse ato com o processo da memória. Podemos tomar a memória como um escolha, consciente ou inconsciente, não faz diferença, mas é uma escolha daquilo que podemos e desejamos guardar, reter. O gesto metaforiza este entendimento de

memória, colocando o diário da escritora em um outro lugar.

A escolha do livro é também importante, não seria possível qualquer livro para se tocar nas questões aqui levantadas. Pois não é o diário o lugar onde deixamos nossos guardados? Nossa pequena caixa de recuerdos?

Pode-se argumentar contra a necessidade de se fazer realmente isso; interferir no livro. Por que não somente discursar sobre essa idéia? Pois bem, não sei ficar quieta, pensar e não querer ver no mundo o objeto existindo e lidando ele mesmo e aqueles que com ele tem contato com essas questões. É por isso, então, que apresento a aqui esse diário, esse vestígio. Um diário apagado. Não apagado, ele não está sendo exatamente apagado, suas palavras estão sendo transportadas. Como uma memória, elas vivem em outro lugar. Qual lugar da memória? O lugar vazio do texto ou as fitinhas com o texto?

O vazio do texto depois de apagado ainda contém a presença do texto, como na lembrança ainda sentimos a presença daquilo que já não está. É como uma velha poltrona, ali sentava-se todos os dias a mesma pessoa, hoje essa pessoa não mais existe, mas o molde deixado na poltrona persiste para fazer rememora a existência dela. Ou em um sentido menos pessoal, podemos reparar nos degraus de mármore das escadarias de construções antigas, onde há um certo desgaste onde se pisa com mais frequência, esta é a memória do mármore, que guarda a lembrança daqueles que passaram por ali.

### **Conclusões**

A leitura para aqueles leitores não ingênuos, ou seja aqueles que possuem um interesse específico pelo corpo da literatura, como os que escolhem graduar-se em literatura ou apenas escrever, se assemelha ao trabalho do escritor. Não flutua sobre o discurso, mas submerge nele. Encara as letras na altura dos olhos, caminha pelo texto e dele retira seu próprio discurso.

### **Referencias**

1. BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. 278 pág.
2. Freud, Sigmund. Nota sobre la “pizarra mágica” 1925. **Obras Completas**, v. XIX, pág. 239-247. ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores trad. José Luiz Etcheverry. 1975